



Desta obra, foram selecionadas três páginas que discutem, resumidamente, as obrigações e os papéis desempenhados pelo orientador e pelos orientandos durante todo o processo de orientação de TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Acompanhe a leitura e, caso tenha dúvidas, entre em contato com seu orientador.

Grande abraço,

Fernando Santiago dos Santos

do método: por exemplo, se o método adotado é estruturalista, não se pode argumentar diretamente de forma fenomenológica.

2. O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO

No item anterior, ao tratar da exigência de autonomia do pós-graduando na elaboração de seu trabalho, já se anunciou o problema da relação orientando-orientador nos cursos de pós-graduação.

Este item visa abordar diretamente o assunto tratando de alguns aspectos relativos ao próprio processo de orientação da tese.

O fundamental é observar que o processo de orientação deveria ser um processo que efetivasse uma relação essencialmente educativa. Com efeito, o orientador desempenha o papel de um educador, cuja experiência mais amadurecida interage com a experiência em construção do orientando. Não se trata de um processo de ensinamento instrucional, de um conjunto de aulas particulares, mas de um diálogo em que as duas partes interagem, respeitando a autonomia e a personalidade de cada uma.

Contudo, nem sempre é claramente entendido o relacionamento entre o orientador e o orientando. Há várias posições assumidas perante este relacionamento: alguns entendem que o orientando deve pesquisar sobre o assunto de interesse do orientador e trabalhar sob um rígido esquema por ele determinado; outros já deixam o orientando totalmente solto, numa situação de total independência, até mesmo perdido. É fundamental entender-se devidamente esta relação, levando-se em consideração inclusive a distinção entre a orientação em nível de mestrado e a orientação em nível de doutorado, reconhecida a base de formação de cada nível.

O papel do orientador não é o papel de pai, de tutor, de protetor, de advogado de defesa, de analista, como também não é o de feitor, de carrasco, de senhor de escravos ou de coisa que o valha. Ele é um *educador*, estabelecendo, portanto, com seu orientando uma relação educativa, com tudo o que isto significa, no plano da elaboração científica, entre pesquisadores. A verdadeira relação educativa pressupõe necessariamente um trabalho conjunto em que ambas as partes crescem. Trata-se de uma relação de enriquecimento recíproco. É necessário que ocorra uma interação dialética em que esteja ausente qualquer forma de opressão ou de submissão.

O orientando não pode provocar no orientador uma atitude paternalista, com sua insegurança. Impõe-se-lhe a necessária maturidade e segurança para que seja suficientemente autônomo no exercício de sua criatividade, não arrastando seu orientador no processo de deterioração, de autoritarismo intelectual, do processo de aplicação do saber. Portanto, desde a delimitação do tema do problema de sua pesquisa, durante o desenvolvimento do trabalho, até a conclusão de sua dissertação ou tese, ele pressupõe competência, segurança e autonomia para sua criação intelectual. A definição do tema deve ser sua obra. Não se pressupõe um orientador enquanto se estiver de posse apenas de ideias vagas e propostas genéricas, na esperança de que ele defina as coisas e imponha os caminhos. Não se espera do orientador que ele reescreva capítulo por capítulo, que ele indique a bibliografia, informe as bibliotecas e as fontes. A contribuição do orientando será tanto mais enriquecedora, quanto mais informado e preparado estiver o orientando, quanto mais alto for o nível de provocação intelectual suscitada pelo orientando. Por isso, ao procurar seu orientador, o pós-graduando deve estudar e aprofundar suas propostas iniciais, mediante leitura, seminários, debates, até que devidamente instrumentado consiga amadurecer um projeto, elaborando-o por escrito. Só então cabe iniciar a discussão com o orientador.

Neste momento e nestas condições, o orientador estará oferecendo pistas, testando opções feitas e posições assumidas, escolhendo os caminhos seguidos, ajudando a clarear a proposta de pesquisa e a descobrir possíveis pontos fracos. O diálogo se dá então possibilitando ao orientador sentir a segurança, o grau de autonomia, a perseverança e demais condições intelectuais do orientando para a continuidade da pesquisa e do próprio processo de orientação.

Por mais que a autonomia do orientando seja condição imprescindível, não se pode desconsiderar a importância do diálogo e da discussão entre o orientador e o orientando. No processo de construção e crescimento intelectual do aluno, este diálogo constitui um elemento de definição e amadurecimento desta própria autonomia de que o orientando necessita para desenvolver com segurança sua pesquisa, e assim ousar avançar.

Mas cabe igualmente referir-se ao risco que correm os orientadores que, no afã de dar segurança e apoio ao orientando, acabam assumindo as tarefas que cabem a este, revelando

confiar suficientemente na sua maturidade e capacidade, abafando-o, impedindo seu crescimento intelectual e praticando igualmente o paternalismo. O orientador não pode assumir estas tarefas, por maiores que sejam as dificuldades que encontre o orientando, que deve, ao contrário, ser levado a superar lacunas de sua formação, bem como eventuais tendências à acomodação e à hesitação.

Pode-se dizer então que o processo de orientação consiste basicamente numa leitura e numa discussão conjuntas, num embate de idéias, de apresentação de sugestões e de críticas, de respostas e argumentações, em que não será questão de impor nada mas, eventualmente, de convencer, de esclarecer, de prevenir. Tanto a respeito do conteúdo como a respeito da forma.

Só assim o orientador pode assumir seu papel de interlocutor crítico e exercer a autoridade legítima junto ao orientando, decorrente do próprio processo.

Ao orientando cabe construir o seu projeto de dissertação ou tese, após ter definido seu tema, definido seu problema e as hipóteses que pretende demonstrar. Já se viu que este projeto deve ser obra do próprio orientando, que o amadurecerá a partir de sua própria experiência intelectual e científica, construída com dedicação e trabalho sistemático. Cabe a ele também elaborar e desenvolver o raciocínio que demonstrará na estrutura lógica e redacional de seu texto. São estes resultados que ele irá discutindo com seu orientador, na sua totalidade ou em partes, pela análise de capítulo por capítulo.

É exatamente no momento em que o orientando apresenta o seu projeto, ainda que em forma inicial, que a contribuição do orientador começa a se realizar na medida em que discute com o orientando a consistência e a viabilidade do projeto, sugerindo eventuais direcionamentos novos, novas leituras, novos campos bibliográficos, que poderão ampliar os horizontes do trabalho. O orientando explorará, testando as sugestões, reorganizando o projeto, retornando à discussão num momento seguinte. Conquistadas conjuntamente as etapas, o trabalho de pesquisa, reflexão e redação continuará. E durante todo o seu curso, o orientador estará então chamando a atenção para a exigência de coerência que o trabalho deve ter: se ele está alcançando os objetivos propostos; estará criticando também a presença de generalidades vagas e retóricas no texto, a imprecisão e ambigüidade dos conceitos que precisam ser devidamente definidos e explicitados.